

Inteligência Artificial e Censura: Quando o Futuro da Tecnologia é Capturado pelo Autoritarismo

Publicado em 2025-03-25 23:27:22



Por Augustus

A inteligência artificial (IA), tida por muitos como o pináculo da inovação humana, pode também revelar-se um perigoso instrumento de dominação, especialmente quando nas mãos de regimes autoritários. O caso da China e do seu modelo DeepSeek é um exemplo paradigmático de como uma tecnologia criada para ampliar o conhecimento, apoiar a ciência e democratizar o acesso à informação, pode ser pervertida ao serviço da censura, da propaganda e do controlo social.

A promessa da IA e a sua inversão autoritária

A IA foi concebida como uma ferramenta de descoberta, capaz de aprender com dados, adaptar-se ao contexto e gerar respostas que ajudem os humanos a resolver problemas complexos. No seu estado mais puro, é um instrumento de libertação — permitindo que indivíduos acessem a conhecimento antes reservado a elites técnicas, ou que comunidades encontrem soluções para desafios locais com base em dados globais.

Contudo, quando o controlo do conhecimento se torna uma prioridade política, a IA perde a sua natureza universal. Em países como a China, a IA é desenvolvida sob um rigoroso controlo estatal, onde os modelos são forçados a obedecer a narrativas oficiais, a apagar temas sensíveis e a moldar respostas em função da ideologia dominante. Assim, o que deveria ser um espelho da complexidade humana transforma-se num megafone do regime.

DeepSeek: potência algorítmica, censura sistémica

O modelo **DeepSeek**, embora tecnicamente avançado, opera dentro das muralhas ideológicas do Partido Comunista Chinês. Palavras como “Tiananmen”, “direitos humanos”, “independência de Taiwan” ou “liberdade de imprensa” são silenciadas, distorcidas ou ignoradas. O modelo não falha por incapacidade técnica, mas por imposição política. A sua censura não é uma falha de segurança — é uma funcionalidade intencional.

Ao mesmo tempo, estes modelos são promovidos como alternativas à IA ocidental — mais eficientes, mais “seguras” e

mais “respeitadoras” dos valores nacionais. Na realidade, são a ponta de lança de uma nova forma de **autoritarismo digital**, que alia o poder da tecnologia à opressão sistémica.

O perigo do precedente e a tentação de outros governos

O risco vai além das fronteiras chinesas. O sucesso do controlo algorítmico inspira outros governos — alguns já democraticamente frágeis — a considerar modelos semelhantes. A tentação de usar IA para filtrar a oposição, vigiar os cidadãos ou manipular a opinião pública está a crescer. E o silêncio cúmplice de grandes empresas tecnológicas, fascinadas pelos lucros nos mercados autoritários, apenas agrava a situação.

A resposta: IA ética, aberta e auditável

A única defesa real contra a censura algorítmica é um compromisso profundo com a **transparência, a ética e a descentralização**. A comunidade internacional deve insistir em modelos de IA auditáveis, em fontes abertas, sujeitos a revisões independentes. A IA deve ser tratada como uma infraestrutura crítica — como a água ou a eletricidade — e não como um brinquedo de elites políticas ou empresariais.

A União Europeia tem dado passos nesse sentido com o AI Act, mas muito mais deve ser feito para garantir que a IA não se transforme numa nova ferramenta de opressão global. O debate precisa de sair dos laboratórios e entrar nos parlamentos, nas universidades e na sociedade civil.

Conclusão

A inteligência artificial não é, por si, nem boa nem má. Mas, como qualquer ferramenta poderosa, é moldada por quem a controla. Num mundo onde regimes autoritários investem pesadamente em IA para consolidar o seu poder, é imperativo que os defensores da liberdade, da verdade e da democracia façam o mesmo — não para dominar, mas para libertar.

A história já nos ensinou que o silêncio diante da censura é o primeiro passo para o colapso da liberdade. Não cometamos o mesmo erro na era algorítmica.

[Francisco Gonçalves](#)

Créditos para IA e chatGPT (c)